



PEDRO TOMÉ

E agora?

O caso do agora não se põe porque o agora não é nem nunca foi problema, porque, por definição, está já a decorrer.

O problema sempre foi o depois, porque é sobre ele que é preciso decidir, programar iniciativas e evitar outros “agoras” quando eles são menos do que bons.

O agora é a crise pandémica e as suas consequências em termos de saúde da população, em termos da alteração dos hábitos e rotinas das pessoas, em termos das alterações das relações sociais, em termos da atuação dos profissionais que tentam mitigar as suas consequências e também das dificuldades de formação desses profissionais.

Reuniões científicas das várias sociedades nacionais têm sido adiadas, como no caso das duas mais expressivas que aos otorrinolaringologistas interessam. Importa refletir sobre isto e é para isso que vos convido.

As reuniões plenárias e as parcelares têm interesse fundamental no evoluir do conhecimento médico qualquer que ele seja.

Se as parcelares e temáticas, pela sua menor frequência e maior especificidade de conteúdo, são mais fáceis de programar e ter bom rendimento por via não presencial, como é a tendência atual com o uso das tecnologias que evitam a proximidade pessoal, naquelas que vivem da necessidade de contacto o problema põe-se agudamente. Cursos de formação e estágios, que interessam sobremaneira aos mais novos, estão fortemente condicionados dada a necessidade de evitar o contacto pessoal e as deslocações dos profissionais. Problema

importante para uma especialidade que vive tanto da aprendizagem “à mão” como a nossa em que é necessário ver, entender o porquê e praticar com crítica próxima por parte dos formadores. Para ter noção desta dificuldade é rever o editorial escrito na revista da SPORL CCP Vol 57 nº 4 em que internos em formação esclarecidamente dizem “o que aprendemos com este surto pode não compensar as perdas que tivemos na nossa formação, que são muitas” e “Perdemos estágios já marcados ou que estavam a decorrer. Perdemos tempo de bloco operatório. Perdemos tempos de consultas. Perdemos formações, cursos, congressos. Perdemos, em muitos casos, a oportunidade de apresentar trabalhos que já estavam preparados.” Diria eu que perderam e é necessário ajudar a recuperar porque perderam fundamentalmente o que não se pode aprender na bibliografia nem nos cursos on-line. Perderam aquilo que transforma um ramo do saber e do cuidar de uma quase ciência numa quase arte. É desta quase arte que temos que nos ocupar de molde a que a formação dos mais novos seja tão perfeita e profícua quanto possível para que num espírito interessado possamos dizer “nós vamos precisar deles”.

O caso que aparentemente é fácil é o que diz respeito às reuniões plenárias. Este problema é tão falsamente fácil que é intransponível. Aquilo que poderá parecer simples porque “ao fim e ao cabo isso dos congressos nacionais mais não é que lugar em que os séniores nada fazem e em que os juniores apresentam umas comunicações para consumo entre eles e para aporem mais umas linhas no seu curriculum” é a meu ver um enorme equívoco. Se os congressos nacionais são reuniões aparentemente pouco profícuas porque nem sempre a frequência das sessões é tão numerosa quanto se podia desejar, e disso já todos os que os organizámos nos podemos queixar, a verdade é que essas reuniões têm também outra função. Essa

outra função e quiçá a mais importante tem que ver com o contacto, com o olhar no olho, com o conhecimento pessoal e com a maledicência das invejas e dos desafios. Ao fim e ao cabo com o conhecermo-nos uns aos outros. Séniores e juniores são parte do conjunto, mas este conjunto está disperso geograficamente e é imperioso que seja encurtada essa distância. É fundamental saber dos mexericos e das iniciativas científicas, dos avanços técnicos e dos caminhos iniciados e abandonados por ineficazes. É necessário que as pessoas se encontrem, que se falem e se toquem, que se cheirem e se olhem. Isto é coisa que as tecnologias mais recentes não são capazes de substituir e direi eu “ainda bem”.

Poderá acontecer que os vários métodos não presenciais de formação e aprendizagem se mantenham como necessários e dessa necessidade venha um aperfeiçoamento das suas capacidades e da sua eficácia abrindo novas perspetivas. Será esta a sua grande oportunidade e é bom que se consolide, mas e-learning, b-learning ou outro qualquer sistema de “learning” que não passe pelo contato pessoal está condenado no caso da formação em ORL. O saber dos mais novos mais não é que o que foi o dos mais velhos e por estes melhorado, com a adaptação progressiva que os mais novos saibam fazer-lhe de molde a ser mais eficaz, competente e económico na verdadeira acessão da palavra. Só que saber só, não chega. É necessário que as competências técnicas se aliem a capacidades humanas e estas aprendem-se na infância e por aí fora sempre, cada época com seu modelo e com seu modo, mas sempre. Estas capacidades adquirem-se com contato humano.

Sendo este editorial feito a simpático convite do Editor da Revista para que escrevo não posso deixar de a referir. A Revista é um veículo supletivo da divulgação do saber, do treinamento da expressão desse saber, do

perpetuar desse conhecimento, mas perdoem-me, não tem problema atual exceto pela escassez de conteúdos para publicação para cuja resolução peço o empenho de todos como fez o Editor Principal em editorial recente. Só que Revista eletrónica ou com suporte de papel tem uma função que nada tem que ver como espírito que me move.

Vamos, pois, tentar fazer com que as nossas reuniões possam regressar tão breve quanto possível, que ao regressar voltem ao tradicional figurino de científico e social, que ambos são indispensáveis para juniores e séniores.

E já agora que utilizemos mais e melhor as tecnologias que usámos por força das alterações que tivemos que fazer nos nossos hábitos, de molde a que algum benefício possa compensar o prejuízo que houve. Os novos métodos não são, por si, maus, antes ferramentas poderosas e uteis só que não podem substituir o contato pessoal.

Vamos, pois juntarmo-nos tão cedo quanto a prudência aconselhar e permitir. Até lá que venham os métodos indiretos que são bem-vindos.